**CAPÍTULO II**

Prosseguindo, nossos estimados leitores, senhoras e senhores, amigos que nos concedem a honra de partilhar conosco este segundo livro sobre investimentos, nós lhes pedimos que gravem na memória e tenham sempre presente no seu dia a dia esta frase que já vimos no capítulo anterior e que consideramos de enorme importância para nós que atuamos no mercado de capitais: **O investidor de verdade não investe em ações, ele investe em empresas e passa a ser sócio delas.**

Neste capítulo iremos ampliar o entendimento desta frase, mas gostaríamos de fazê-lo através de uma historinha que pretendemos lhes contar, de uma maneira tal que lhes fará ter uma visão diferente e entender de fato o que é o ato de investir.

Vamos ver como é que o investidor de verdade investe o dinheiro dele?

Comecemos mentalizando nossa cidade, caso moremos numa que seja de pequeno porte, e, caso residamos numa cidade grande, pensemos num dos seus bairros.

Eu sou natural de Lins, pequena porém progressista cidade do interior do Estado de São Paulo, cujo slogam é Cidade das Escolas, com uma importante e tradicional Faculdade de Odontologia e uma não menos importante e também tradicional Faculdade de Engenharia, cidade às vezes chamada de **L**ugar **I**ncerto e **N**ão **S**abido, pelo acróstico formado pelo conjunto das letras de seu nome, onde nasci em 1979, no mês de janeiro, dia 3 e morei até quando me formei no curso de Odontologia e saí pelo mundo para ganhar a vida. A cidade tinha à época em torno de 60 mil habitantes, era muito agradável de se morar, mas carente da existência de grandes empresas, ao contrário da região em que vivo e trabalho hoje, a região de Barueri/Santana de Parnaíba e Alphaville, onde temos muitas empresas de grande porte.

Era uma vez, num bairro de classe média, de uma cidade de tamanho grande, funcionava uma padaria nota 10, grande, bonita, movimentada, uma empresa familiar muito bem administrada por seus integrantes, que, como ela mesmo, estava muito bem em termos de saúde financeira, alguns, em idade escolar, estudando em boas escolas, todos os seus componentes fazendo viagens a passeio nas férias, em regime de revezamento, com carros e casa compatíveis etc.

Num outro bairro, de classe um pouco acima que o anterior, na mesma cidade, estava instalada uma concessionária de veículos já veterana, também em franco progresso, como se podia deduzir pelo modus operandi de seus responsáveis.

Na mesma rua, só que em frente a uma bela praça, funcionava um restaurante tradicional e famoso pelo cardápio e pelo atendimento VIP a sua clientela, super bem frequentado, local preferido por uma seleta classe de fregueses.

Havia ainda um enorme supermercado, gerido já pela quarta geração da família que o administrava há muitos anos, com excelente padrão de clientes e muito movimentado, em franca expansão, com a abertura de filiais em bairros próximos.

Imaginemos, agora, que somos moradores dessa cidade e estejamos com frequência tendo contato, ainda que apenas visual, com essas empresas das quais vínhamos comentando e elogiando a performance das quatro, a padaria, a concessionária, o restaurante e o supermercado. Ai um de nós começa a pensar que seria muito bom se pudesse ser o dono de uma parte da padaria, ainda que pequena.

E chegou à conclusão de que iria tentar ser sócio do dono da padaria, embora não tivesse dinheiro suficiente, pois que só dispunha de trezentos reais. Mesmo assim foi lá, procurou o representante da família que administrava o estabelecimento e lhe perguntou: Quanto custa esta padaria? O homem responde “Ela está avaliada em cinco milhões de reais”. “Eu gostaria de ser seu sócio nesta padaria, mas só disponho de trezentos reais, será que posso começar assim pequenininho e comprar CR$ 300,00 dela? Ao que o comerciante surpreendentemente responde: “É uma proposta bem estranha, mas simpatizei com você e vamos fazer essa sociedade. Vou lhe vender trezentos reais da minha padaria, pode me passar o dinheiro e vou calcular a quantos por cento da padaria, que vale cinco milhões, você terá direito com os seus trezentos reais.

No dia seguinte você vai ao supermercado, faz a mesma proposta e passa a ser sócio dele também. Nos dias posteriores, entusiasmado com o que conseguira, vai à concessionária e ao restaurante e novamente consegue se tornar sócio desses estabelecimentos, sempre com trezentos reais. Nos dois meses seguintes você compra mais 300 reais de cada uma de suas empresas. Chegando ao final do terceiro mês de sua sociedade, os donos das empresas lhe telefonam e dizem que fizeram o fechamento do trimestre e apuraram lucros diferentes, mas muito bons e em todos sua participação foi em torno de dez reais.

Você achou muito bom, pois aplicara apenas 900 reais, não fizera mais nada, os comerciantes trabalharam, pagaram os impostos, os salários e todas as despesas e você teve ainda um rendimento de 20 reais em cada aplicação. Entusiasmado, neste mês você aplica 320 reais em cada uma de suas sociedades, ou seja, reinvestindo o lucro obtido. Agora, multiplique esses procedimentos por l20 meses, ou seja, 10 anos, ou por 15 anos, e veja como há um potencial enorme nesse processo de juros compostos, no investimento em ações, na renda passiva reinvestida mensalmente.

Se ao invés de empresas você investisse na compra de fundos imobiliários, o esquema seria praticamente o mesmo, assim como os resultados. Digamos que assim, de repente, não mais que de repente, você tem a chance de comprar uma sala comercial em um edifício na área central de sua cidade, tem a chance mas não tem o dinheiro, seus trezentos reais não compram nem mesmo o tapete da porta. O proprietário ouve seu lamento, não, não tenho dinheiro para comprar uma sala, quero comprar trezentos reais de uma sala. Muito bem, responde ele, vou atender seu pedido e como recebo um milhão de reais dos alugueis de minhas salas, você receberá vinte reais ao mês, está bem? No próximo mês você repete a operação, já com 320,00 reais, pois que os fundos imobiliários geram dividendos mensais e logo estará com uma bela renda passiva.

Perceberam que não investimos em ações ou em fundos imobiliários, nosso foco será sempre empresas e imóveis, aos quais chegamos via ações e fundos e usando a B3 para viabilizar nosso propósito. que deve estar sempre direcionado às melhores empresas e aos melhores imóveis a nível nacional.

Vejam só que potencial fantástico advém da possibilidade de que estamos tratando, podemos ser sócios de empreendimentos tipo a maior mineradora do nosso planeta, ou do maior banco privado do Brasil, ou sermos sócios de inúmeros outros empreendimentos, como, por exemplo, investir a partir de R$ 160,00 em 24 galpões logísticos que dispõem de uma tecnologia de última geração.

Reciclando, nós não investimos em ações, investimos em empresas que emitem ações através das quais nos tornamos sócios delas, e passamos a usufruir dos lucros que elas proporcionam e quanto mais papeis nós tivermos, de empresas selecionadas, mais renda e mais valorização iremos conseguir.

Em outro lugar já lhes falei de um investidor brasileiro que, durante o ano de 2022, recebeu na forma de proventos, que são dividendos e juros, provenientes de suas ações, um milhão de reais por... dia.

Tem gente que compra um ativo e entra em pânico se a cotação começa a cair, ao que costumamos argumentar que por traz de cada ação há uma empresa, como é que está ela, a empresa? O sobe e desce da cotação dos papeis é típico do mercado, faz parte, importa é saber da saúde da companhia que a emitiu, você olhou para ela ao investir? Ou investiu porque viu uma matéria em artigo da internet, ou ouviu algum influencer falando dela?

Vamos falar disso à exaustão, para que fique realmente gravado em cada um de nós, por importante que é: Não temos que investir em ações, mas sim nas empresas que as emitem, nosso foco deve ser as empresas, que preferencialmente sejam de atividades perenes, bem administradas e lucrativas. Ao fazer isto nós nos tornamos donos de uma pequena fração da empresa, proporcionalmente à quantidade de ações que nós tivermos, da mesma forma que os dividendos nos serão pagos em razão da mesma proporcionalidade, isto é, quanto mais ações mais proventos.

Há empresas que são exemplos de empreendimentos bem-sucedidos, administradas por pessoas competentes, em ramos de negócios altamente rentáveis. Geralmente são Sociedades Anônimas com ações listadas na Bolsa de Valores, a Bovespa, ou B3, para os mais íntimos. E aí a gente se põe a pensar, como seria bom se pudéssemos ser donos de pelo menos uma pequena parte daquelas companhias e desfrutar dos seus resultados, que certamente são muito bons.

Companhias desse porte são supervalorizadas e quando acontece de serem negociadas, o são por valores astronômicos, só acessíveis a grandes grupos onde magnatas das finanças se juntam e formam poderosos conglomerados econômicos geradores de emprego e renda para milhares de trabalhadores.

Nós, simples mortais, que financeiramente falando estamos a incomensuráveis distâncias desses poderosos geradores de emprego e renda, podemos nos tornar sócios dessa elite e passarmos a desfrutar das benesses provenientes dos lucros por ela produzidos, sem que precisemos fazer qualquer esforço físico nesse sentido.

Mas, do mesmo jeito que existem empresas top de linha, há outras que estão sempre meio que capengando, com problema de falta de crédito, emissão de cheques sem provisão de fundos e outras dificuldades mais, no maior sufoco. Causa espanto sabermos que mesmo para essas empresas problemáticas existem investidores a que chamo de “Kamikaze”, numa alusão aos pilotos nipônicos que, durante combates na segunda grande guerra, praticavam suicídio ao explodirem seus aviões em navios que pertenciam à marinha inimiga, causando a norte de inúmeros combatentes e colocando a embarcação fora de combate.

Ao investir você está programando seu futuro, ou seja, você assume a responsabilidade por optar por um investimento de risco, para o mal, ou para o bem, através de um investimento estudado e consciente. Seu futuro, em matéria de finanças, pode depender de suas opções de hoje. Então é bom não vacilar e fazer a coisa direitinho,

Isso me faz lembrar de citar aqui o “investidor sardinha”, termo muito usado no mercado financeiro, que se refere às pessoas que investem em ações e ficam excessivamente preocupadas com as oscilações das cotações na Bovespa, totalmente inseguras, muito propensas a fazer um monte de besteiras. Provavelmente investiram em ações e não nas empresas.

Investidor de verdade, seguro, consciente, investe em empresas, sardinhas investem em papéis, em ações.

Imagine a “Rico por Conta Própria”, a maior empresa de cursos do Brasil. No curto prazo a bolsa pode estar ruim, o Presidente andar falando isso e aquilo repleto de nhenhenhém, tem guerra não sabemos onde, as cotações das ações estão em queda. Você está preocupado?

O Eduardo continua gravando cursos, trabalhando no Instagram, escrevendo livros, sua empresa gerando lucros. Eu vou continuar investindo do meu jeito, em bancos, empresas de energia, em companhias top etc. Ah, acabei de comprar ações do Itaú, a cotação caiu, mas o Itaú continua sendo o Itaú e eu continuo sendo o Eduardo.

E o Bradesco segue sendo o Bradesco. Sabiam que o Bradesco nasceu na cidade de Marília, no interior paulista, onde residem meus pais?

Concluindo: vamos parar de olhar para esse movimento de curto prazo, porque você não investe em ações e sim em empresas, certo? E quem age assim não faz besteira, não toma decisões erradas, não perde dinheiro, muito pelo contrário, ganha dinheiro. Não se incomode com os sardinhas, que continuam perdendo dinheiro e colocando a culpa no que eles chamam de tubarões, cheios de teorias da conspiração, inventando um monte de coisas, só blábláblá, só baboseira.

E eu continuo sendo o Eduardo, e meu pai continua o mesmo, lá em Marília.